

Centro Universitário de Anápolis

UniEVANGÉLICA

**PREJUÍZO NO VÍNCULO MÃE-FILHO E POSSÍVEIS
CONSEQUÊNCIAS: REVISÃO SISTEMÁTICA**

Amanda Cristina Barbosa Ribeiro

Cárita Aguiar

Danyelle Pedrosa da Silva

Kaio Emanuel Venâncio Corredeira

Orientadora: Prof^a Dra Ana Paula Vecchi

Anápolis

2018

Amanda Cristina Barbosa Ribeiro

Cárita Aguiar

Danyelle Pedrosa da Silva

Kaio Emanuel Venâncio Corredeira

PREJUÍZO NO VÍNCULO MÃE-FILHO E POSSÍVEIS CONSEQUÊNCIAS

Trabalho de Curso apresentado à disciplina de Iniciação Científica do Curso de Medicina da UniEVANGÉLICA, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Paula Vecchi.

Anápolis

2018

Dedicatória

Dedicamos esse trabalho à Deus, pais, amigos e todos os que se envolveram diretamente e indiretamente para a construção de todo o trabalho durante o curso.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os professores, especialmente a Ana Paula Vecchi, que nos deu todo o suporte com suas correções e incentivos durante todo o processo do trabalho.

Resumo

Apego é o sentimento do bebê em relação aos pais, na medida em que ele sente neles a base segura para explorar e conhecer o mundo à sua volta; o sentimento dos pais em relação ao filho é expresso por vínculo afetivo. A falha desse cuidado e no vínculo está associada a diversas modificações no padrão de desenvolvimento da criança e pode afetar o estilo de afetividade do indivíduo ao longo de sua vida. Este trabalho tem como objetivo identificar as consequências do prejuízo no vínculo mãe-filho principalmente nos campos do DNPM (desenvolvimento neuropsicomotor), estado nutricional, saúde mental, entre outras, por meio da análise sistemática de artigos, consultados no Pubmed e Bireme. Foi selecionado artigos em relação ao trabalho e estes foram classificados de acordo com os fatores relacionados ao vínculo mãe-filho, se existia ou não relação direta no apego. De acordo com os distúrbios alimentares, foram avaliados alguns quesitos para averiguar se a criança desnutrida havia prejuízos no vínculo mãe-filho em relação as eutróficas. Na saúde mental materna, foi pontuado a presença de alguma doença psiquiátrica antes do nascimento ou até a depressão pós-parto, se estes fatores acarretariam consequências para as crianças. Nos quesitos crianças que possuem autismo, as que sofreram algum abuso ou casos de negligência foi visto algumas diferenças em relação às crianças normais. Na amamentação, foi descrito que o ato de amamentar tem o poder de construir este elo desde o início entre a mãe e o bebê. E por fim, quando citado a questão da prisão paterna foi esclarecido que este influencia sim no âmbito do crescimento do desenvolvimento da criança podendo ter diversas repercussões.

Palavras chave: Relação mãe-filho; desenvolvimento infantil; saúde da criança; comportamento infantil; apego.

Abstract

Attachment is the baby's feeling toward the parents, as he feels in them the secure basis for exploring and knowing the world around him; the parents' feeling about the child is expressed by affective bond. The failure of such care and bonding is associated with several modifications in the child's developmental pattern and can affect the individual's affective style throughout his or her life. This work aims to identify the consequences of the damage in the mother-child bond, mainly in the fields of the NPMD (neuropsychomotor development), nutritional status, mental health, among others, through the systematic analysis of articles, which being consulted in Pubmed and Bireme. Articles were selected in relation to the work and these were classified according to factors related to the mother-child bond, whether or not there was a direct relationship in attachment. According to the eating disorders, some questions were evaluated to determine if the malnourished child had losses in the mother-child bond in relation to the eutrophic ones. In maternal mental health, the presence of some psychiatric illness before birth or even postpartum depression was scored if these factors would have consequences for the children. In the quests children who have autism, those who suffered some abuse or cases of neglect were seen some differences compared to normal children. In breastfeeding, it was described that the act of breastfeeding has the power to build this link from the beginning between the mother and the baby. And finally, when the question of paternal imprisonment was mentioned, it was clarified that this influence does in the scope of the developmental growth of the child and may have several repercussions.

Keywords: Mother-child relationship; child development; Child health; childish Behaviour; Attachment.

Sumário

1.	Introdução.....	8
2.	Referencial Teórico	9
3.	Objetivos	12
3.1.	Objetivo Geral	12
3.2.	Objetivos Específicos:.....	12
4.	Metodologia proposta.....	12
5.	Resultados e Discussão	16
5.1.	Distúrbios alimentares nas Crianças:	18
5.2.	Saúde Mental Materna:	19
5.3.	Autismo na criança:.....	20
5.4.	Abuso Infantil e Negligência:.....	22
5.5.	Amamentação:	25
5.6.	Prisão Paterna:	27
6.	Considerações Finais	27

1. Introdução

Nos últimos tempos, muitas teorias têm embasado estudos acerca da relação mãe-filho, sendo condecoradas como de fundamental importância para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo saudável dessas crianças, interferindo ao longo de toda a sua vida (BORSA, 2007).

Uma dessas teorias é denominada Teoria do Apego (TA), desenvolvida pelo psiquiatra e psicanalista John Bowlby (1907-1990) a partir da observação acerca do cuidado insuficiente na primeira infância e suas atribuições e da ansiedade de separação dessas crianças com seus cuidadores (DALBEM, DELL'AGLIO, 2005).

Bowlby usou os campos da psicanálise, biologia evolucionária, etologia, psicologia do desenvolvimento, ciências cognitivas e teoria dos sistemas de controle para definir seus conceitos. Mary Ainsworth (1963), cujos estudos colaboraram com Bowlby, demonstrou que o modelo de apego que a criança desenvolve durante a primeira infância é extremamente instigado pela forma com que seus cuidadores o tratam, além dos fatores genéticos e temperamentais (DALBEM, DELL'AGLIO, 2005).

Tanto o ambiente quanto a relação com a mãe devem ser favoráveis para que haja nesse bebê uma formação afetiva saudável. Quando há uma falha desse vínculo com a mãe, apresentando carências ou insuficiências, o bebê pode apresentar um certo grau de comprometimento na organização de sua subjetividade (BORSA, 2007).

A comunicação com adultos é de suma importância para uma estimulação apropriada no ambiente familiar. É no ambiente familiar que a criança pode encontrar abrigo, amparo, e se sentir segura, mas de forma contraditória é nesse mesmo ambiente que pode encontrar prejuízos para o seu desenvolvimento, tanto da linguagem, como memória e habilidades sociais. Vale lembrar que a escolaridade materna também tem influência na cognição no indivíduo (ANDRADE, et al, 2005).

Segundo Vieira, Souza e Cervato-Mancuso (2010), apesar da escassa quantidade de artigos no tema, existem indicativos de que a vínculo da mãe com o filho tem relação com o estado nutricional da criança. Isso se dá pelo fato de a mulher estar mais apta a

demonstrar práticas de cuidado positivo. Esse afeto está diretamente correlacionado com o estado de desnutrição infantil.

De acordo com Borsa (2007) o vínculo que é formado desde a gravidez possui várias experiências prazerosas e significativas e por isso é necessário que exista certa consciência tanto da mãe como do pai para almejar um bom desenvolvimento do bebê, e em prejuízo pode trazer consequências tais como atraso no desenvolvimento neuropsicomotor, alimentação insegura, desnutrição, obesidade, entre outros.

Desse modo, faz-se relevante uma revisão sistematizada da literatura sobre a relação mãe-filho ou “apego” prejudicados e suas consequências.

2. Referencial Teórico

John Bowlby (1907-1990) foi um psiquiatra que estudou os efeitos do cuidado materno sobre os filhos em seus primeiros anos de vida a partir de observações sobre o cuidado inadequado na primeira infância, o desconforto e a ansiedade de crianças pequenas relativas à separação dos cuidadores (DALBEM, DELL'AGLIO, 2005).

O psiquiatra Bowlby consentiu o apego como um mecanismo básico dos seres humanos. Ele afirmou ser um comportamento biologicamente programado, como o mecanismo de alimentação e da sexualidade, e é considerado como um sistema de controle homeostático, que vai funcionar dentro de um contexto de outros sistemas de controle comportamentais (DALBEM, DELL'AGLIO, 2005).

O comportamento e relacionamento da criança com os pais serão estabelecidos por um conjunto de sinais inatos do bebê, que demandam o contato próximo. E ao longo dos anos, um verdadeiro vínculo afetivo se amadurece garantido pelas capacidades cognitivas e emocionais da criança, assim como pela consistência dos procedimentos de cuidado, pela sensibilidade e responsividade dos cuidadores. E é com isso que um dos pressupostos básicos da TA (Teoria do Apego) é de que as primeiras relações de apego, que são estabelecidas na infância, afetam o estilo de apego do indivíduo ao longo de sua vida (DALBEM, DELL'AGLIO, 2005).

Então esse comportamento de apego vai ser a compreensão de qualquer forma de comportamento que vai implicar no alcance ou mesmo em manter uma proximidade com outro indivíduo, que é diferenciado e preferido, e geralmente considerado como um indivíduos mais forte ou sábio. Os comportamentos de choro e o chamamento fazem parte desse apego, suscitando cuidados, atenção e acompanhamento ou vigorosos protestos se a criança for deixada sozinha ou na companhia de estranhos (RAMIRES, 2003).

Podem também interferir nesses laços de apego, ajudando para as suas características, o estilo de comportamento da mãe ou do principal cuidador, evidenciando os quão disponíveis e apropriadas são suas respostas (RAMIRES, 2003).

E quanto a esses estudos sobre associação entre estimular o ambiente e a cognição concluem que mães ensinadas a estimularem seus filhos, por meio de diversas maneiras de experiências perceptivas com pessoas, objetos e símbolos, contribuíram para o melhor desenvolvimento cognitivo das crianças, demonstrando-se consequências positivas em longo prazo (ANDRADE et al, 2005).

A escolaridade materna também tem impacto sobre o desenvolvimento cognitivo de crianças. Uma escolaridade acima de cinco anos foi associada positivamente à melhor organização do ambiente físico e temporal, a maior oportunidade de variação na estimulação diária, com disponibilidade de materiais e jogos apropriados para a criança e maior envolvimento emocional e verbal da mãe com a criança (ANDRADE et al, 2005).

A escolaridade amplia a consciência sobre si mesmo, e no caso da mulher, amplia sua consciência sobre suas necessidades afetivas-sentimentais (escolha de companheiros) e de controle reprodutivo (ANDRADE et al, 2005).

Uma qualidade ruim da estimulação foi ressaltada entre as crianças cujo principal cuidador não possuía companheiro, e entre aquelas crianças que não dispunham de uma figura paterna. A presença do companheiro interferiu positivamente na qualidade da estimulação disponível no ambiente familiar, o que pode estar ligado à influência positiva de sua presença no desempenho da função de mãe (ANDRADE et al, 2005).

Ao longo do tempo a psicologia fomentou a ênfase na relação da díade mãe/criança como essencial nos estudos de desenvolvimento de uma criança. Sendo atribuída uma menor importância a figura paterna no que tange ao desenvolvimento infantil e as teorias da psicologia acabaram por se ajustar ao tradicional conceito de um pai ausente e distante (BORSA, NUNES, 2011).

Contudo, na última década, os estudos sobre a paternidade vêm considerando a relevância da relação paterna, apontando para a importância de conhecer e compreender o lugar de um pai mais atuante e participativo. Os pais vêm afirmando o interesse de maior participação no cuidado e na criação dos filhos; como reflexo, os pesquisadores passaram a prestar mais atenção no papel do pai na família contemporânea (BORSA, NUNES, 2011).

A ligação forte entre ambos, o contato íntimo da pele e o olhar permitem que sintam um enorme prazer neste ato. As crianças privilegiadas por este contato precoce com suas mães após o parto são menos ansiosas e mais tranquilas, sofrendo menos estresse causado pela separação do corpo materno. Este contato possibilita que o amor vá aumentando a cada mamada, construindo uma base sólida, vinculando para sempre mãe e filho (RESENDE, OLIVEIRA, 2012).

Vários estudos recentes demonstram uma grande influência da mãe e/ou do cuidador primário no desenvolvimento neurobiológico e psicológico da criança. A mãe parece tamponar os fatores estressantes dos meios internos e externos do bebê. Essa proteção, associada a estímulos táteis, visuais e auditivos, assim como à tradução e satisfação das necessidades do bebê, possibilitará o desenvolvimento de capacidades positivas pré-programadas geneticamente (MOTTA, LUCION, MANFRO, 2005).

Há evidências que falhas no cuidado inicial devido a negligência, abuso físico e/ou psicológico estão associados a alterações no padrão do apego e no desenvolvimento motor e mental dos bebês. Alguns autores observam uma possível correlação entre experiências iniciais de privação e a ocorrência de depressão, ansiedade e abuso de drogas tanto na criança como na vida adulta (MOTTA, LUCION, MANFRO, 2005).

A privação materna pode ocorrer mesmo sem a intenção da mãe de prejudicar o bebê, como por exemplo, em decorrência da depressão pós-parto (DPP). A DPP pode

favorecer a ocorrência tanto de abuso quanto de negligência de cuidados, principalmente quando os sintomas depressivos forem persistentes. As mães deprimidas mais frequentemente mantêm um padrão de comportamento intrusivo ou retirado (ausente emocionalmente), danoso para criança (MOTTA, LUCION, MANFRO, 2005). Ambos os estilos podem repercutir de maneira negativa no desenvolvimento do bebê, pois a estimulação e a modulação do estado de alerta que a mãe oferece são inadequadas para a regulação emocional do bebê (ALFAYA, LOPES, 2005).

A não reatividade da mãe desregula a criança e dificulta o alcance de seus objetivos de interagir socialmente e explorar objetos, podendo levar posteriormente à raiva, além de um senso de desamparo e desconfiança. Em situações como essas, a comunicação mãe-bebê pode estar deficitária, não proporcionando o intercâmbio de informações que guiam o processo de aquisição da linguagem pela criança e a troca afetiva da díade (CRESTANI et al, 2012).

3. Objetivos

3.1. Objetivo Geral

Realizar uma revisão sistemática a respeito das consequências do prejuízo no vínculo mãe-filho.

3.2. Objetivos Específicos:

Identificar, a partir de uma revisão sistemática, como a deficiência no elo mãe-filho interfere no:

- Desenvolvimento Neuropsicomotor (DNPM) da criança.
- Estado nutricional da criança.
- Identificar as possíveis causas maternas no prejuízo do vínculo mãe-filho.

4. Metodologia proposta

O presente estudo trata-se de uma revisão sistemática sobre prejuízo no vínculo mãe-filho e possíveis consequências. As bases de dados consultadas foram Pubmed e

Bireme. Os descritores utilizados para essa pesquisa são: *impartment mother-child bonding consequences; impairment mother-child bonding; mother-child bonding malnutrition; weak relation mother-child; child malnutrition bonding mother-child; neuropsychomotor development bonding mother-child; autism bonding mother-child; developmental consequences bonding mother-child.*

Critérios de inclusão. Os critérios de inclusão foram artigos originais, relatos de caso e pesquisas experimentais com seres humanos, em português, inglês e espanhol e disponíveis em texto completo (Full Text). Os artigos foram selecionados conforme sua relevância.

Critérios de exclusão. Foram excluídas as publicações que fugiram ao tema proposto, que foram publicados antes de 2000 e artigos publicados em outra língua que não o português, inglês ou espanhol.

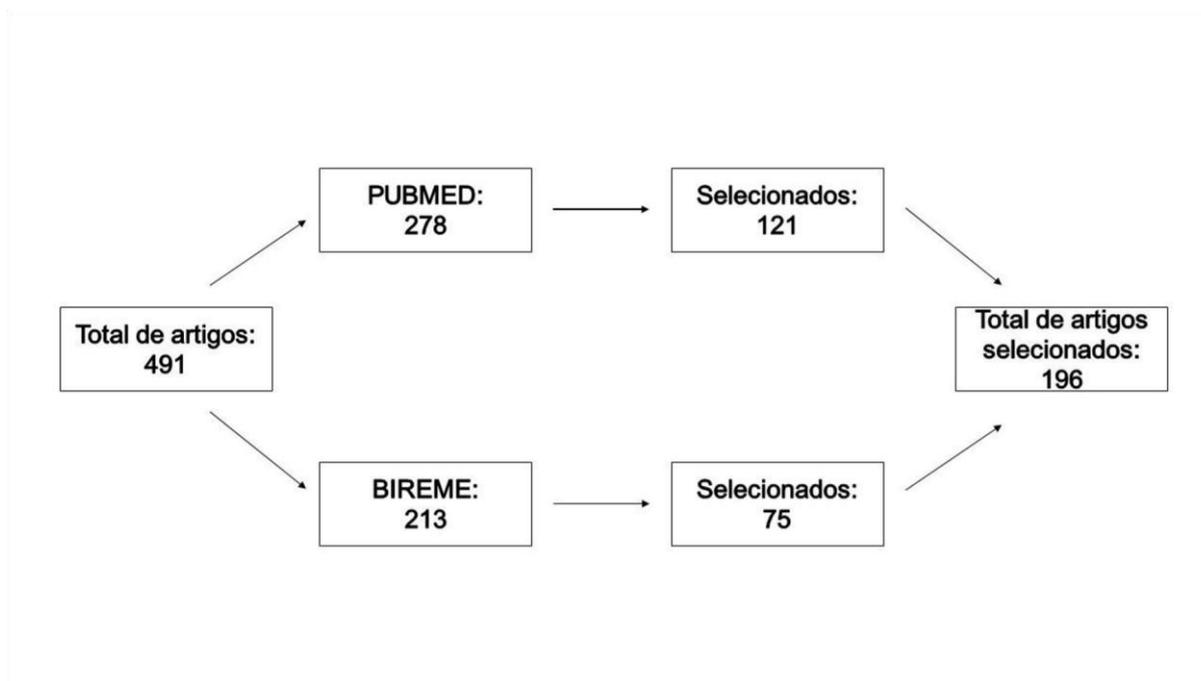
Após a combinação dos métodos de busca, encontrou-se um total de 491 artigos com os descritores usados, sendo 278 no PUBMED e 213 no BIREME, com 121 e 75 selecionados, respectivamente, após a análise inicial dos resumos.

Foi feita uma primeira seleção no próprio site da base de dados, através dos resumos, com os artigos que se encaixavam na temática proposta, no qual foram selecionados um total de 196 artigos.

Na pesquisa inicial do pubmed foram encontrados 3 artigos para “impartment motherchild bonding consequences”, sendo selecionados 2; 32 para “impairment mother-child bonding”, com 24 selecionados; 13 para “mother-child bonding malnutrition” com 5 selecionados; 137 para “weak relation mother-child”, com 52 selecionados; 22 para “child malnutrition bonding mother-child”, com 14 selecionados; 0 para “neuropsychomotor development bonding mother-child”, sendo 0 selecionados; 55 para “autism bonding motherchild”, com 15 selecionados; 16 para “developmental consequences bonding mother-child”, sendo 9 selecionados.

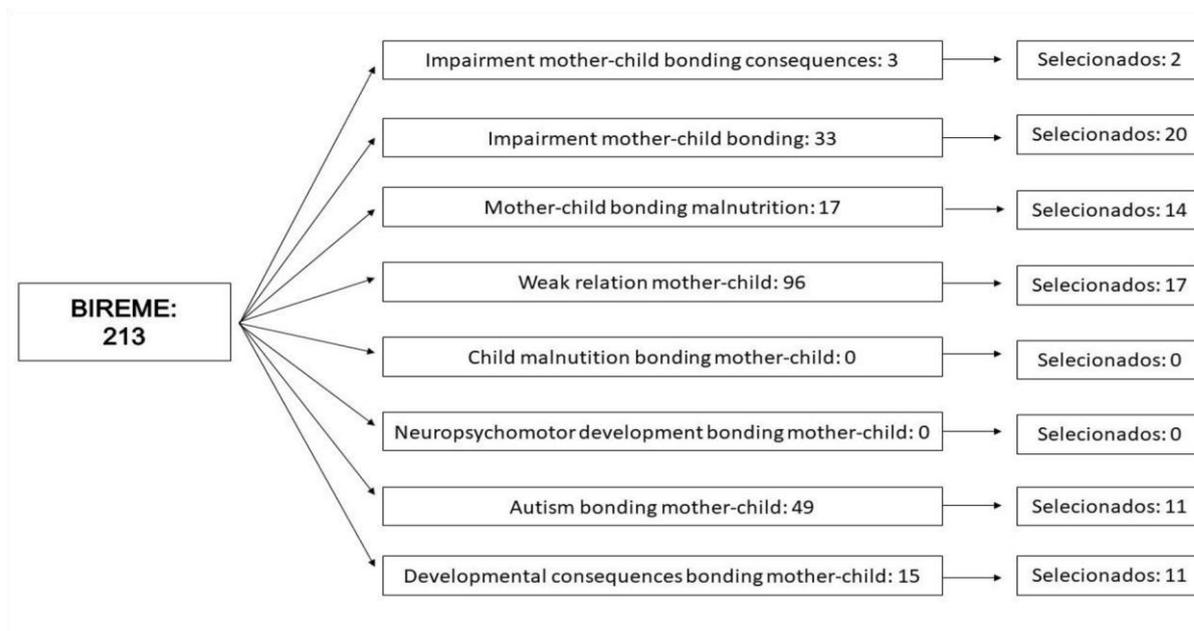
Já na pesquisa inicial do bireme foram encontrados 3 artigos para “impartment motherchild bonding consequences”, sendo selecionados 2; 33 para “impairment mother-

child bonding”, com 20 selecionados; 17 para “mother-child bonding malnutrition” com 14 selecionados; 96 para “weak relation mother-child”, com 17 selecionados; 0 para “child malnutrition bonding mother-child”, com 0 selecionados; 0 para “neuropsychomotor development bonding mother-child”, sendo 0 selecionados; 49 para “autism bonding motherchild”, com 11 selecionados; 15 para “developmental consequences bonding mother-child”, com 11 selecionados.

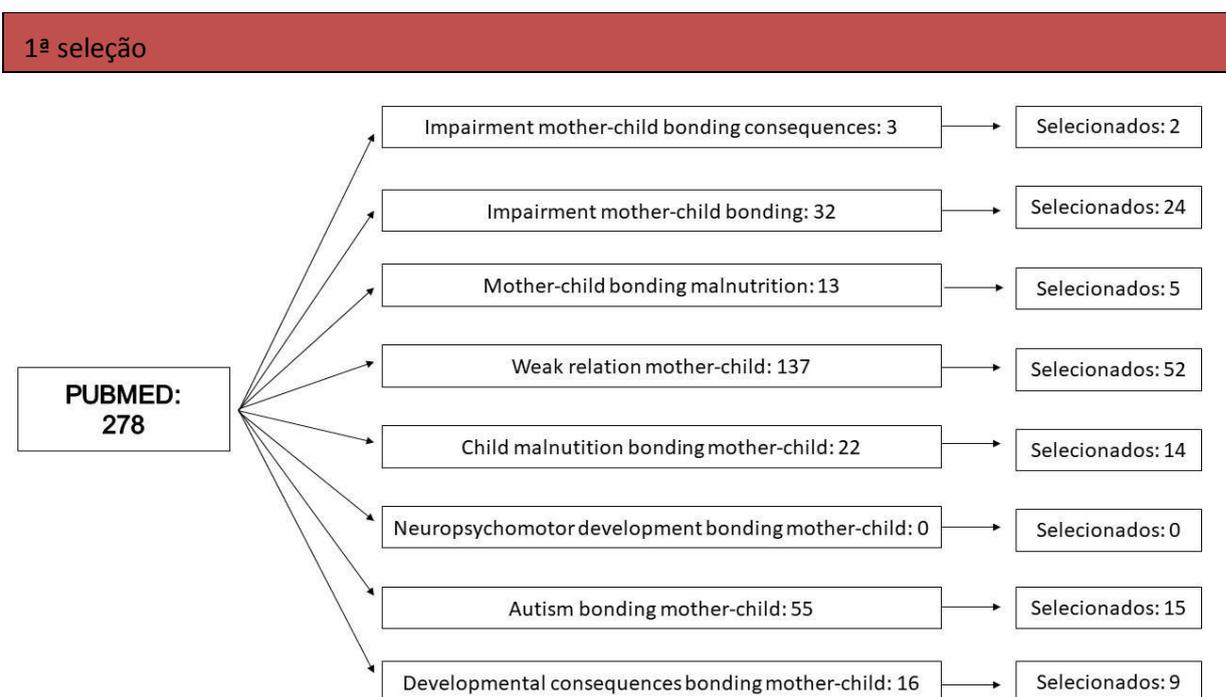


Fluxograma 1: Total de artigos da primeira seleção.

1ª seleção



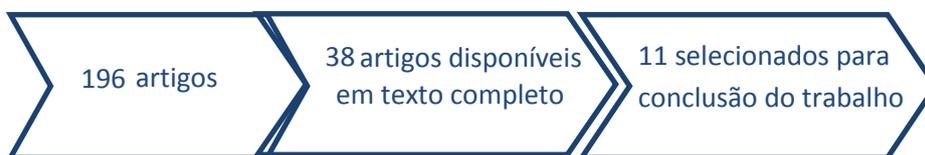
Fluxograma 2: Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Bireme para cada descritor.



Fluxograma 3: Quantidade de artigos encontrados na Base de Dados Pubmed para cada descritor.

A segunda seleção se deu a partir dos artigos texto completo gratuitos, totalizando 38 artigos. A terceira e última seleção deu-se através da leitura completa dos artigos e

excluindo-se aqueles que não se encaixam nos critérios de inclusão/exclusão, ficando com um total de 11 artigos para o trabalho final.



Fluxograma 4: Quantitativo de artigos encontrados em cada fase da seleção.

5. Resultados e Discussão

Fatores relacionados ao vínculo mãe-filho	Artigos que retratam o assunto	Houve relação?
Distúrbios alimentares nas crianças	1. VIEIRA, V. L.; DE SOUZA, J. M. P.; CERVATO-MANCUSO, M. Insegurança alimentar, vínculo mãe-filho e desnutrição infantil em área de alta vulnerabilidade social. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil , v.10, n.2, p.199-207, 2010.	Sim.
Saúde mental materna	1. MÄDER, C. V.DE NÓBREGA et al. Evaluation of bonding between mother and child and mothers' mental health of children with mental illness. Einstein (São Paulo) , v. 11, n. 1, p. 63-70, 2013. 2. OHOKA, H. et al. Effects of maternal depressive symptomatology during pregnancy and the postpartum period on infant–mother attachment. Psychiatry and clinical neurosciences , v. 68, n. 8, p. 631-639, 2014.	Sim.

Autismo na criança	<ol style="list-style-type: none"> 1. BAUMINGER, N.; SOLOMON, M. ; ROGERS, S. J. Predicting friendship quality in autism spectrum disorders and typical development. Journal of autism and developmental disorders, v. 40, n. 6, p. 751-761, 2010. 2. SANINI, C. et al. Comportamentos indicativos de apego em crianças com autismo. <i>Psicologia: Reflexão e Crítica</i>, v. 21, n. 1, 2008. 	Sim.
Abuso infantil e negligência	<ol style="list-style-type: none"> 1. MUZIK, M. et al. Mother–infant bonding impairment across the first 6 months postpartum: the primacy of psychopathology in women with childhood abuse and neglect histories. Archives of women’s mental health, v. 16, n. 1, p. 29-38, 2013. 2. MUZIK, M. et al. Psychopathology and parenting: An examination of perceived and observed parenting in mothers with depression and PTSD. Journal of affective disorders, v. 207, p. 242-250, 2017. 3. RIKHYE, K. et al. Interplay between childhood maltreatment, parental bonding, and gender effects: Impact on quality of life. <i>Child Abuse & Neglect</i>, v. 32, n. 1, p. 19-34, 2008. 	Sim.
Amamentação	<ol style="list-style-type: none"> 1. OSPINA, J. M.; URREGO, Á. M. J.; BETANCOURT, E. A. V. A importância da lactância no desenvolvimento físico, psíquico e relacional da criança. Vínculo, v. 12, n. 1, p. 07-18, 2015. 2. SAMPAIO, M. A. et al. Psicodinâmica interativa mãe-criança e desmame. Psicologia: teoria e pesquisa, v. 26, n. 4, p. 613-621, 2011. 	Sim.

Prisão paterna	1. MARKSON, L.; LAMB, M. E.; LÖSEL, F. The impact of contextual family risks on prisoners' children's behavioural outcomes and the potential protective role of family functioning moderators. European Journal of Developmental Psychology , v. 13, n. 3, p. 325-340, 2016.	Sim, negativa.
Total de artigos: 11 artigos		

Quadro 1: Artigos selecionados separados por temática.

5.1. Distúrbios alimentares nas Crianças:

Vieira e col., 2010, estudaram 820 crianças de 4 a 6 anos de idade de duas escolas do bairro do Butantã em SP no período de 2005 a 2006. As crianças foram separadas em dois grupos, desnutridos e eutróficos, foram avaliados a insegurança alimentar e o prejuízo no vínculo mãe-filho. A relação estatura/idade foi adotada como indicador de desnutrição crônica, e a relação IMC/idade, como indicador de desnutrição aguda, ambas em z-escore. A criança foi considerada desnutrida caso o escore para estatura ou índice de massa corporal (IMC) fosse z menor ou igual a -2; as eutróficas foram definidas como aquelas com escore z > -1.

43,1% das crianças desnutridas apresentavam prejuízo no vínculo mãe-filho, contra 8,5% das crianças eutróficas. Após a análise multivariada os autores encontraram forte relação entre o prejuízo do vínculo mãe-filho e desnutrição, com *odds ratio* de 9,4, enquanto que a insegurança alimentar apresentou *odds ratio* de 3,6. Isto significa que crianças com prejuízo no vínculo tem 8,3 vezes mais chance de evoluir com desnutrição, maior até que o fator insegurança alimentar (falta de disponibilidade e o acesso das pessoas aos alimentos). Os autores confirmam a importância da família no desenvolvimento da criança, tanto em relação à garantia de alimentação adequada no domicílio, bem como no desenvolvimento do vínculo afetivo.

5.2. Saúde Mental Materna:

Mader e col. avaliaram o vínculo mãe-filho de 74 mães de crianças com deficiência intelectual de 0 a 7 anos de idade, atendidas no Setor de Estimulação e Habilitação da APAE de São Paulo, em dias de atendimentos especiais, conhecidos como “mutirões”. Os autores não encontraram associação entre o vínculo mãe-filho e escolaridade materna, tempo de união, mas houve associação significativa entre vínculo e condições sociais da mãe e saúde mental materna.

Mães com SRQ (*Self-Report Questionnaire*) alterado, ou seja, maior que 8, tiveram maior chance de apresentar vínculo fraco, entretanto os autores questionam se o inverso também não é verdadeiro, se um vínculo fraco não poderia afetar a saúde mental da mãe. Quando o status psicológico sugere depressão e/ou uma importante mudança psicológica é necessário dar seguimento específico à mãe porque esses transtornos interferem negativamente e tem efeitos nocivos sobre o desenvolvimento global da criança.

Um outro estudo prospectivo (Ohoka, 2014) investigou a correlação de um vínculo mãe-filho prejudicado e depressão materna durante a gravidez e após o nascimento. 389 gestantes japonesas atendidas em duas clínicas obstétricas em Nagoya, no período de 2004 a 2009 foram incluídas.

Estas mulheres foram convidadas a preencherem o *Mother to infant scale* (MIB) e o *Edinburgh Postnatal Depression Scale* (EPDS) em quatro ocasiões: antes da 25ª semana de gestação, por volta da 36ª semana, 5 dias após o parto e 1 mês depois.

Foram, então, classificadas em quatro grupos com base na presença ou ausência de baixo humor. Com base em um ponto de corte da EPDS de 8/9, os quatro grupos foram: (i) grupo não-depressivo (pontuado abaixo o ponto de corte na EPDS); (ii) grupo depressivo gestacional temporário (pontuado acima do ponto de corte da EPDS apenas durante a gravidez); (iii) grupo depressivo contínuo (pontuado acima do ponto de corte da EPDS durante a gravidez e após o parto); e (iv) grupo depressivo pós-parto (pontuado no ponto de corte da EPDS após o parto).

O efeito da interação no padrão de desenvolvimento do Escore MIB entre os quatro grupos EPDS foi avaliado com base em um escore limiar (4 pontos); MIB elevado (indivíduos

que obtiveram 4 ou mais) e um grupo com MIB baixo (indivíduos com menos de 4), indica um bom vínculo. O grau da correlação linear entre o vínculo mãe-filho – avaliado pelo MIB, e o estado de humor materno – avaliado pelo EPDS, deu-se através do coeficiente de correlação de Pearson (r).

Os resultados foram avaliados pelo teste de Fisher. O estudo demonstrou que o vínculo mãe-filho cresceu após o nascimento nos quatro grupos e que apresentou uma tendência de ser maior no grupo não depressivo.

Houve fraca a moderada correlação entre o estado de humor materno e o desenvolvimento do vínculo mãe-filho. O MIB score no grupo classificado com depressão contínua foi maior, demonstrando que sintomas depressivos na gravidez podem afetar o desenvolvimento deste vínculo. Níveis elevados do MIB no grupo com depressão pós-parto podem sugerir que, neste grupo, a depressão foi secundária a um vínculo mãe-filho prejudicado.

5.3. Autismo na criança:

As primeiras observações de crianças autistas demonstraram uma ausência ou diminuição do apego, isto é, comportamentos que caracterizam a propensão do ser humano para buscar e manter aproximação com um cuidador. Entretanto as escalas utilizadas para avaliação do apego contemplam um item que geralmente está ausente ou manifestado de forma diferente no autista, que é o esforço e iniciativa muito ativos e persistentes, por parte da criança, para obter contato físico, proximidade ou interação a distância.

Desta forma, Sanini e col. 2008 desenvolveram um estudo para avaliar o comportamento de apego no autista abolindo a ênfase no comportamento ativo, enquanto medida de intensidade do comportamento, mas na sua frequência, com ênfase também na resposta e não só na iniciativa.

Os autores avaliaram 10 meninos com autismo, 10 com síndrome de Down e 10 com desenvolvimento típico, equiparados pela idade, cuja média foi de, aproximadamente, 4 anos. Uma sessão de observação de brincadeira livre, com cinco episódios, foi utilizada para avaliar os comportamentos interativos da criança com a mãe e com uma pessoa não-

familiar(o estranho). Esses cinco episódios envolveram quatro contextos interativos: Busca de Contato e Proximidade e Manutenção do Contato; Interação a Distância; Resistência e Esquiva.

O comportamento de Proximidade e de Busca de Contato é relatado pela iniciativa/resposta da criança para conseguir formar o contato físico ou proximidade com uma pessoa e pelo quão competente é esta em fazê-lo por conta própria. O comportamento de Manutenção do Contato refere-se aos cuidados da própria criança para estabilizar contato com o adulto. Interação a Distância é definido como o comportamento social positivo –por exemplo sorriso, vocalização, intenção de olhar, exibição de brinquedo e brincar – que aponta a afeição da criança pelo adulto, mesmo não estando tão perto deste. Resistência caracteriza-se pela intensidade e duração do comportamento relutante provocado pela experiência do adulto de começar contato com a criança, sendo a raiva um ponto importante. E por fim, o comportamento de Esquiva é delimitado pela intensidade e duração da esquiva da criança a manter contato com o adulto mesmo à distância.

Os comportamentos de Busca de Contato e Proximidade e Manutenção do Contato foram reunidos em uma única categoria porque, além de ocorrerem com pouca frequência, foram analisados somente no 2o Episódio e em relação à mãe.

Não foram encontradas diferenças significativas entre os grupos, quanto à maioria dos comportamentos de apego. Contudo, o grupo com autismo apresentou uma frequência maior de comportamento de esquiva, do que os outros grupos, apenas no 1º episódio. A redução do comportamento de Esquiva à mãe, no último episódio, comparado ao primeiro, também parece confirmar a premissa da ocorrência de comportamentos de apego influenciada pelo contexto (adaptação à situação desconhecida).

As comparações intragrupos mostraram que as crianças com autismo interagiram mais com a mãe, do que com o estranho. Esses resultados demonstram a ocorrência de apego entre crianças com autismo e suas mães e as vantagens de se usar análises que considerem as peculiaridades desses comportamentos. O estudo traz a limitação do número da amostra.

Bauminger, Solomon, Rogers, 2010, estudaram um total de 164 crianças dos EUA e Israel, sendo 44 com HFASD (n = 24, Israel; n = 20, EUA), 38 emparelhados tipicamente em desenvolvimento (n = 23, Israel; n = 15, EUA) e 82 amigos - crianças que foram indicadas pelas 82 crianças matriculadas como suas amigas íntimas. Em seus resultados, observou-se que a segurança do apego entre pais-criança tem um papel muito mais significativo ao se desenvolver uma amizade íntima nas crianças do TEA (transtorno do espectro autista) que nas crianças com desenvolvimento típico/normal. Portanto, a relação dos pais com seus filhos autistas terá total influência em como elas se comunicarão em um futuro.

5.4. Abuso Infantil e Negligência:

São descritos quatro tipos de apego: apego seguro, inseguro (ansioso/ambivalente), inseguro (ansioso/evitativo) e desorganizado/ desorientado. As mães de crianças com apego seguro tendem a fornecer cuidados consistentes e são altamente responsivas às necessidades de seus filhos. Uma criança com um apego inseguro (ansioso / ambivalente) fica extremamente perturbada na ausência da mãe ou na presença de um estranho; no entanto, a criança tende a ficar aborrecida e se torna desafiadora em relação à mãe em seu retorno.

As mães dessas crianças tendem a ser inconsistentes e imprevisíveis na prestação de cuidados. Por outro lado, uma criança exibindo um estilo de apego inseguro (ansioso / evitativo) exibe um mínimo de angústia quando a mãe sai e a desconsidera quando retorna. Mães de tais crianças tendem a ser irritáveis, indiferentes ou superestimulantes. No apego desorganizado / desorientado, as crianças parecem ter medo dos provedores de cuidados e exibem um padrão confuso de apego, uma grande percentagem deste grupo são vítimas de maus-tratos.

Acredita-se que o apego inseguro, ou um vínculo parental pobre interfira no desenvolvimento de habilidades de enfrentamento apropriadas, tornando o indivíduo vulnerável ao estresse e propenso a doenças afetivas, sobretudo a depressão.

Dessa forma, Rikhye e col. (2008) examinaram as diferenças na qualidade do vínculo parental percebido e sintomas depressivos em indivíduos que relataram maus-tratos significativos na infância (por exemplo, negligência emocional, abuso emocional, negligência física, abuso físico, abuso sexual) em comparação com um grupo que não relatou maltrato significativo na infância.

Participantes com idade entre 18 e 65 anos foram submetidos, entre 2002 e 2005, a uma entrevista diagnóstica semi-estruturada abrangente, a (1) Entrevista Clínica Estruturada para os Transtornos do Eixo I do DSM-IV (SCID); (2) ao Questionário de Trauma na Infância (CTQ); (3) ao Instrumento de vínculo parental (PBI); (4) ao Inventário de Sintomatologia Depressiva - *Self Report* (IDS-SR); e ao (5) Questionário de Satisfação e Satisfação da Qualidade de Vida.

O *Parental Bonding Instrument* (PBI) é um questionário de autorrelato preenchido pelos filhos que relatam suas experiências infantis nas dimensões de fator de cuidado e o fator de superproteção, permite a classificação do vínculo parental em 4 quadrantes: “ligação ideal” (alta atenção / baixa superproteção), “restrição afetuosa” (alta atenção / alta superproteção), “Controle sem afeto” (baixo cuidado / alta superproteção), ou “vínculo fraco” (baixo cuidado / baixa superproteção). Os escores de corte para cuidados paternos e cuidados maternos (≥ 24 e 27 , respectivamente) e para superproteção paterna e superproteção materna ($\geq 12,5$ e $13,5$, respectivamente) foram usados para definir a interseção de plotagem e quadrantes resultantes.

O grupo de maus-tratos foi composto por 72 participantes (22 homens e 50 mulheres), enquanto o grupo controle tinha 69 indivíduos (27 homens e 42 mulheres). Um total de 42 participantes, que tiveram escores intermediários no CTQ foram excluídos. Os indivíduos do grupo de maus-tratos tiveram escores de sintomas depressivos com auto avaliação atual no IDS-SR significativamente maiores que os do grupo controle ($22,3 \pm 13,9$ v. $8,5 \pm 9,1$, $p < 0,001$). Foi mais prevalente neste grupo (maus tratos) transtorno depressivo maior atual (34,2% vs. 7,2%, $p < 0,001$) e transtorno de ansiedade atual (28,5% vs. 7,2%, $p < 0,01$). Os critérios diagnósticos para transtorno depressivo maior ao longo da vida (37,1% vs. 14,4%, $p < 0,01$), transtorno de ansiedade ao longo da vida (11,5% vs. 31,4%, $p < 0,01$) e transtorno relacionado à substância ao longo da vida (28,5% vs. 7,2%, $p < 0,01$) também foram mais prevalentes no grupo que sofreu maus tratos. No geral, uma

proporção maior de indivíduos vítimas de maus-tratos versus controles encontrou critérios para um transtorno atual (57,1% vs. 20,2%, $p < 0,001$) ou transtorno do Eixo I ao longo da vida (65,7% vs. 26,0%, $p < 0,001$).

Quanto a avaliação do vínculo parental o relato de vínculo ideal foi estatisticamente mais prevalente nos indivíduos sem histórico de maus-tratos, os membros do grupo de maus-tratos foram mais propensos a caracterizar suas experiências iniciais de parentesco em termos de “controle sem afeição” ($n = 85$, $p < 0,001$ para ambos maternos e paternos), “restrição afetiva” ($n = 44$, $p = 0,025$ para parentalidade materna e $p = 0,004$ para parentalidade paterna), ou “fraca ou ausente” ($n = 76$, $p < 0,001$ para parentalidade materna e paterna).

Os resultados de uma análise de regressão múltipla revelaram que a qualidade geral do cuidado paterno ($p = 0,015$) e o nível atual de sintomas depressivos ($p < 0,001$) foram preditores independentes significativos da qualidade de vida dos adultos. Efeitos de gênero entre indivíduos que forneceram dados de ligação parental foram limitados ao grupo com maus-tratos na infância. Como esperado, os resultados deste estudo sugerem uma forte associação entre maus-tratos na infância e vínculo parental fraco ou prejudicado, assim como a pior qualidade de vida na vida adulta e sintomas depressivos.

Musik e col. 2013, avaliaram o papel da psicopatologia materna (depressão e estresse pós-traumático) e risco socioeconômico entre mulheres com histórico de abuso e negligência na infância, seu impacto em suas atitudes em relação à parentalidade e à relação com seu bebê através de um estudo longitudinal. As 150 participantes completaram questionários PBQ (*Postpartum Bonding Questionnaire*), MIB (*Mother-to-Infant Bonding Scale*) e PTSD (*Posttraumatic Stress Disorder*), *Childhood Trauma Questionnaire* (CTQ); sendo 97 puérparas com história de abuso e negligência na infância e um grupo controle ($n = 53$). O grupo das mulheres que sofreram abuso na infância relataram significativamente mais problemas de vínculo mãe-filho ($t = -2,74$, $p = 0,01$) e psicopatologia pós parto - depressão e estresse pós-traumático - (depressão: $t = -3,44$, $p = 0,00$; estresse pós traumático: $t = -5,97$, $p = 0,00$) em comparação com o grupo controle. Todas as mulheres, independentes do estado de risco, aumentaram o vínculo mãe-filho bebê nos primeiros 6 meses pós-parto; entretanto, mulheres com psicopatologia pós-parto

(depressão e pós traumático) apresentaram escores de comprometimento de ligação consistentemente maiores em todos os momentos.

Em 2017 o mesmo grupo (Musik, 2017) investigaram se as mães que tiveram depressão maior, depressão pós-parto ou comorbidade de depressão e transtorno do estresse pós-traumático diferiam quanto à auto avaliação e aos indicadores de parentalidade observados, e se esses três grupos difeririam significativamente de mães sem psicopatologia atual.

No geral, as mães com depressão tiveram os resultados parentais menos favoráveis tanto nas medidas de auto avaliação quanto nas observadas. Mais especificamente, as mães deprimidas, relataram maior comprometimento do vínculo do que as mães saudáveis ou resilientes. Os achados mostraram que, no contexto da história de abuso infantil e / ou do estresse pós traumático atual, a depressão materna é o fator de risco mais saliente associado ao comprometimento parental durante a infância e que depressão pós-parto é uma característica materna crítica que afeta a sensibilidade dos pais.

Os autores concluem que o histórico de traumas na infância de uma mãe, por si só, pode não determinar a paternidade precária na ausência de doença mental concomitante e tampouco comportamentos parentais abusivos, permitindo que os médicos ofereçam uma mensagem de esperança e resiliência a seus clientes com histórico de trauma. E destacam a necessidade de rastrear e tratar precocemente a depressão pós-parto para melhorar o relacionamento e vínculo entre mãe-filho, pois somente assim é permitido um crescimento saudável ao percorrer do desenvolvimento.

5.5. Amamentação:

Um papel importante na teoria de apego é o próprio ato de amamentação, no entanto, é escassa a publicação sobre os benefícios ao par mãe-criança, principalmente os trabalhos de metodologia qualitativa referenciados na psicanálise.

Ospina et al, 2015, enfatizou que o aleitamento materno é como um processo natural que representa benefícios quando feito corretamente e essa alimentação inicial não só promove uma saúde física e cognitiva adequada, mas também serve como uma antecâmara

para a criação de vínculos sociais, enquanto o alimento é a ponte para a construção do ego da criança. O autor ainda menciona que a mãe tem o papel de cuidadora, ela é apta a sentir qual a necessidade de alimento a criança precisa, através de sinais; olhar o choro compreendendo de forma essa ação e criando fonte de vínculo. Porém este é um estudo descritivo de apenas duas mães, portanto não conclusivo.

Sampaio e col. 2010 acompanharam duas díades com o objetivo de avaliar a psicodinâmica envolvida no desmame precoce/desmame tardio e sua relação com vínculo mãe-filho. Os autores citam os estudos de Britton, Britton e Gronwaldt (2006) onde a amamentação não apresentou relação direta com o vínculo, já que o fator preditivo mais importante para um apego seguro foi a qualidade da interação diádica na infância, mais do que o tipo de alimentação.

E ainda Winnicott (1958/1978) “a boa experiência de amamentação constitui o fundamento do desmame, de modo que este deve ser a conclusão de um trabalho de amamentação bem conduzido”. As crianças incluídas no estudo apresentavam desnutrição grave primária (índice peso/altura <-3 escore z, segundo o padrão da OMS (1999), e/ou presença de edema simétrico envolvendo no mínimo os pés). Em ambas as díades foi encontrado alteração no vínculo mãe-filho, numa fraco ou ausente, noutra intrusivo, apesar da amamentação.

Considerando amamentação e desmame como jogos de querer/poder, oferecer/receber, acolher/abrir mão da dependência, Bela (2ª mãe) não cedia do poder sobre o filho, diante da ameaça de solidão, fome e doença, com isso manteve a criança de 18 meses em aleitamento materno exclusivo. Rosácea, em comparação, não se colocava como possuidora do poder de acolher e amamentava sem troca afetiva.

Embora seja um estudo descritivo e não replicável os autores sugerem que a amamentação e o desmame podem sofrer interferências por vários aspectos, tais como biológicos, culturais, econômicos e psíquicos. A amamentação e o desmame possibilitam um contato entre mãe-criança e é através deles que são geradas ações de significância simbólica no psiquismo materno e infantil.

5.6. Prisão Paterna:

Markson et al, 2016, estudaram 801 crianças que tiveram experiência paterna de prisão. Foi avaliado a escolaridade dos pais, índice de depressão pelo *Composite International Diagnostic Interview-Short Form* (CIDI-SF), uso de drogas dentre outras. Este estudo analisou a importância do contexto familiar para o desenvolvimento comportamental das crianças dos presos e os riscos cumulativos em todo o primeiro ano de vida.

Em uma abordagem mais diferenciada, também investigou se fatores intrafamiliares de uma função protetiva contribuiu para a resiliência. Em particular, relações parentais de apoio, responsabilidade compartilhada e proximidade mãe-criança foram consideradas moderadores potenciais da relação entre os riscos cumulativos e os resultados comportamentais. Para crianças afetadas pelo encarceramento paterno em ambientes de baixo risco familiar, a presença de relações familiares positivas pareceu diminuir o impacto negativo. Não houve efeitos protetores em altos níveis de risco cumulativo.

As correlações entre os fatores de risco na primeira infância e os desfechos do comportamento da criança foram bastante baixos, talvez pelo longo tempo de avaliação do primeiro até o nono ano de vida. Tais achados ilustram importantes processos de flexibilidade e multifinalidade no desenvolvimento comportamental.

Dos moderadores analisados, a proximidade mãe-criança relatada pela criança no ano nove proporcionou as associações mais fortes com os resultados, sugerindo que os fatores de proteção medidos temporalmente mais perto dos resultados têm mais influência do que aqueles medidos temporariamente mais longe. A relação de alta proximidade entre mãe – criança, quando os filhos são afetados pela prisão do Pai, se torna um fator positivo de cuidado sobre o comportamento e segurança no desenvolvimento da criança.

6. Considerações Finais

Diante do exposto, as noções propostas no desenvolvimento do trabalho, pressupõe que a TA tem fundamento na relação mãe versus filho acerca do crescimento emocional tanto quanto social e cognitivo ao longo do seu desenvolvimento. A partir desse pressuposto é extremamente importante a forma com que são tomados os cuidados ao longo

do crescimento, pois, interfere em fatores genéticos, nutricionais, psíquicos e temperamentais.

Evidentemente em relação as medidas adotadas no vínculo, de maneira geral, os métodos já divulgados tais como, valor nutricional, participação do pai no vínculo, escolaridade, depressão, fatores socioeconômicos dentre outros, têm valor crucial e significativo por serem capazes de identificar o comportamento de apego ao longo do ciclo vital da criança e suas ações sobre o padrão de relacionamento que podem interferir no padrão de crescimento futuro.

No entanto, a utilização desses instrumentos possibilita que os resultados obtidos sejam aproveitados para que haja possível diagnóstico precoce e intervenções no âmbito do vínculo seja em nível de promoção e prevenção. Pois um vínculo malformado com a figura do apego na infância traria transtornos na vida adulta.

REFERÊNCIAS

ALFAYA, C.; LOPES, R. C.; Repercussões do comportamento interativo de mães com depressão no desenvolvimento do comportamento do exploratório do bebê. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, v. 2, n. 15, p. 69-81, 2005.

ANDRADE, S. A. Et al. Ambiente familiar e desenvolvimento cognitivo infantil: uma abordagem epidemiológica. **Revista de Saúde Pública**, v. 4, n. 39, pg. 606-611, Universidade de São Paulo, 2005.

BAUMINGER, N.; SOLOMON, M.; ROGERS, S. J. Predicting friendship quality in autism spectrum disorders and typical development. **Journal of autism and developmental disorders**, v. 40, n. 6, p. 751-761, 2010.

BORSA, J. C. Considerações acerca da relação Mãe-Bebê da Gestação ao Puerpério. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**, Porto Alegre, n.02, Abr/Mai/ Jun, 2007.

BORSA, J. C.; NUNES, M. L. T. Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. **Psicol. Argum.**, Curitiba, v. 29, n. 64, p. 31-39, 2011.

CRESTANI, A. H. Et al. A experiência da maternidade e a dialogia mãe-filho com distúrbio de linguagem. **Revista CEFAC**, v. 2, n. 14, p. 350-360, 2012.

DALBEM, J. X.; DELL'AGLIO, D. D. Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 57, n. 1, p. 12-24, 2005.

MÄDER, C. V. de N. et al. Evaluation of bonding between mother and child and mothers' mental health of children with mental illness. **Einstein (São Paulo)**, v. 11, n. 1, p. 63-70, 2013.

MARKSON, L.; LAMB, M. E.; LÖSEL, F.. The impact of contextual family risks on prisoners' children's behavioural outcomes and the potential protective role of family functioning moderators. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 13, n. 3, p. 325-340, 2016.

MOTTA, M. G.; LUCION, A. B.; MANFRO, G. G. Efeitos da depressão materna no desenvolvimento neurobiológico e psicológico da criança. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 2, n. 27, p. 165-176, 2005.

MUZIK, M. et al. **Mother–infant bonding impairment across the first 6 months postpartum:the primacy of psychopathology in women with childhood abuse and neglect histories.**Archives of women's mental health, v. 16, n. 1, p. 29-38, 2013.

MUZIK, M. et al. Psychopathology and parenting: An examination of perceived and observed parenting in mothers with depression and PTSD. **Journal of affective disorders**, v. 207, p. 242-250, 2017.

OHOKA, H. et al. Effects of maternal depressive symptomatology during pregnancy and thepostpartum period on infant–mother attachment. **Psychiatry and clinical neurosciences**, v.68, n. 8, p. 631-639, 2014.

OSPINA, J. M.; URREGO, Á. M. J.; BETANCOURT, E. A. V. A importância da lactância no desenvolvimento físico, psíquico e relacional da criança. **Vínculo**, v. 12, n. 1, p. 07-18, 2015.

RAMIRES, V. R. R. Cognição Social e Teoria do Apego: Possíveis Articulações. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 2, n. 16, p. 403-410, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

RESENDE, K. M.; DE OLIVEIRA, D. M. V. A amamentação como fator relevante no estabelecimento do vínculo afetivo mãe-filho. **Anuário de Produção Científica**, ano I, n. 1, Iptan, 2012.

RIKHYE, K. et al. Interplay between childhood maltreatment, parental bonding, and gender effects: Impact on quality of life. **Child Abuse & Neglect**, v. 32, n. 1, p. 19-34, 2008.

SAMPAIO, M. A. et al. Psicodinâmica interativa mãe-criança e desmame. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 26, n. 4, p. 613-621, 2011.

SANINI, C. et al. Comportamentos indicativos de apego em crianças com autismo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 21, n. 1, 2008.

VIEIRA, V. L.; DE SOUZA, J. M. P.; CERVATO-MANCUSO, M. Insegurança alimentar, vínculo mãe-filho e desnutrição infantil em área de alta vulnerabilidade social. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v.10, n.2, p.199-207, 2010.